



revista científica

LINKSCIENCEPLACE
interdisciplinar



Revista Científica Interdisciplinar. ISSN: 2358-8411
Nº 1, volume 2, artigo nº 2, Janeiro/Março 2015
D.O.I: 10.17115/2358-8411/v2n1a2

CRÍTICA GENÉTICA: UMA ALIADA À PRODUÇÃO DE TEXTOS NA SALA DE AULA

Eleonora Campos Teixeira e Nascimento¹

Doutoranda em Cognição e Linguagem

Larissa Teixeira Rocha²

Graduada em Letras

Pedro Lyra³

Doutor em Poética

RESUMO

Esta é uma reflexão sobre a importância dos estudos da Crítica Genética na sala de aula, sendo vistos como aliados na produção de textos. Partindo do princípio de que o objetivo da crítica genética é o processo de criação é que o aluno acaba por perceber que todo texto passa por alterações e rasuras, que são entendidas como parte do processo de escritura. Este estudo possibilita a percepção de que a crítica genética lida com o pensamento em movimento, e que nesse percurso as ideias são percebidas, analisadas, experimentadas, selecionadas. A reflexão aqui feita é no sentido de propor uma expansão da crítica genética à sala de aula.

Palavras-chave: Crítica Genética. Produção de texto. Rasura.

¹ Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro norinhatli@yahoo.com.br

² Graduada em Letras – UNIFLU, Campos dos Goytacazes, RJ larissa85rocha@gmail.com

³ Professor da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro pedrowlyra@hotmail.com

ABSTRACT

This is a reflection on the importance of Genetic Criticism studies in the classroom, being seen as allies in the text production. Assuming that the goal of genetic criticism is the creating process, that the student eventually realize that every text goes through changes and deletions, that are understood as part of the writing process. This study enables the realization that genetic criticism deals with the thought in motion, that is how ideas are perceived, analyzed, experienced, selected. The reflection made here is to propose an expansion of genetic criticism to the classroom.

Keywords: Genetic Criticism. Text output. Erasure.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a importância dos estudos de crítica genética em sala de aula, sendo visto como um motivador da escritura de bons textos na medida em que vem valorizar os rascunhos e rasuras, que são vistos como aprimoramentos no processo de construção textual.

Inicialmente será feito uma breve reflexão sobre a importância dos estudos da crítica genética, em seguida será analisado a introdução do computador para os estudos críticos e a forma como os estudiosos passam a lidar com a ferramenta tecnológica em face a uma ciência que tem como base o manuscrito.

Posteriormente será analisada a importância dos estudos da crítica genética em sala de aula, possibilitando a construção de textos bem elaborados quando oportunamente o aluno aprenderá a observar, selecionar, desenvolver seu perfil pesquisador assim como rasurar quando necessário, tendo como suporte, o rascunho.

2 . Processo criativo: diversidade de experiências textuais

Os estudos de Crítica Genética (CG) surgiram na França em 1968 com Louis Hay e Almuth Grésillon, que faziam uma análise da obra do poeta alemão Heinrich Heine. No Brasil eles só surgiriam mais tarde, em 1985, com o 1º Colóquio de Crítica Textual: *O manuscrito moderno*, de Philippe Willemart. Um percurso pela história nos

mostra que muitos pensadores exerceram a crítica genética sem saber, quando faziam relevantes estudos sobre a natureza de uma obra. Segundo WILLEMART (2005, p.17) os estudos de CG, até que conseguissem se impor, foram confundidos inúmeras vezes com outras ciências. Afirma que a crítica genética deseja sair da marginalidade.

A crítica genética, no sentido restrito da palavra, é profundamente marginal por três razões: a primeira, sociológica, leva-nos a constatar que, até o presente, houve dificuldade para a crítica genética de se impor como disciplina ou como campo de estudo em crítica literária; a segunda razão, que se refere ao seu objeto, explica sem dúvida a primeira: a crítica genética se debruça sobre os rascunhos, os manuscritos, restos em suma, frequentemente pouco acessíveis e desprezados pela crítica tradicional, o que é preciso salientar; e enfim, a última razão, que nos permite brincar com as palavras e localizar melhor ainda seu objeto, pois, literalmente, a crítica genética trabalha sobre e leva em conta as margens e não necessariamente o conteúdo central do fólio.

A CG analisa a obra de um determinado autor, do manuscrito à sua versão definitiva. Através da análise de documentos preservados em museus, bibliotecas ou academias, ou vindos da mão do próprio autor, busca-se elucidar os caminhos trilhados até a conclusão da sua obra. Os manuscritos revelam toda a riqueza do processo de criação. Ao acompanhar o processo de construção de um texto, o leitor-estudante percebe como é complexo, dinâmico e trabalhoso o ato de criar e que exige amadurecimento. Tudo isso acaba por servir de inspiração para seus próprios projetos (WILLEMART, 2005).

Um dos fatores mais relevantes no trabalho do geneticista é a percepção, quando o pesquisador percebe a rasura como um acréscimo, uma supressão, um deslocamento comum ao escritor que busca organizar palavras, parágrafos, ideias. É como se ele passeasse pela mente do escritor na tentativa de descobrir o que ele está dizendo a si mesmo no momento da criação. Seu principal papel é assumir a sua própria subjetividade e construir hipóteses para a trajetória da obra e do próprio autor (WILLEMART, 2005).

Cada crítico possui a faculdade de analisar a obra do autor, fazendo uma apreciação minuciosa. A função primordial do crítico não é julgar: é analisar e interpretar. O julgamento está implícito. A crítica implica atitude de persuasão, esse é seu objetivo mais ambicioso. Estima-se que o estudo minucioso do processo

criativo de um texto possa definir um aluno-escritor mais cuidadoso, mais observador, redigindo de forma mais madura.

3. O processo de criação

O pesquisador é um curioso, que viaja profundamente pelos caminhos mais difíceis na tentativa de conhecer profundamente a obra criticada. Esse trabalho exige muita dedicação e disciplina. Trilhar um caminho repleto de esboços, rasuras, metamorfoses é muito complexo e exige atenção e percepção minuciosas. Às vezes o geneticista assemelha-se a um arqueólogo ou historiador, quando busca, na genética, a origem da ideia, o surgimento do pensamento e da expressão para a execução da obra. É magnífico pensar que o pesquisador detém nas mãos um material, algumas vezes de um autor morto, e vai escavando, buscando, descobrindo, pesquisando suas raízes. Embora a obra seja perene e transcenda os limites de vida do autor, ocorre algumas vezes a impossibilidade da verificação de alguma parte do texto, quando o autor não mais existe dispondo-se assim dos manuscritos.

É muito importante que quando alguém deseja criar um texto, ela faça uma leitura e interprete os processos criativos de vários autores, pois só assim pode ter a dimensão da riqueza dessa criação.

Embora Salles (1992, p.9) e outros autores utilizem o sintagma *ciência nova* para os estudos de crítica genética, pesquisas recentes mostram que se fazia CG nos séculos IV e V antes de Cristo, quando Aristófanes desempenhava um estudo meticuloso, detalhado e crítico dos textos do mais famoso poeta da Grécia antiga: Homero. Constava de comentários, emendas, problemas gramaticais, tudo com o objetivo de restaurar, tornar legível, explicar os textos para que as gerações da época e as futuras dispusessem de um texto fidedigno. Desse modo decifra, constata a estabilidade do texto original, a instabilidade do texto copiado, nota as variantes de um texto para outro, faz a comparação e a reconstrução do texto original de acordo com as escolhas das melhores variantes. É o pensamento em movimento, é a estabilidade instruída, percebida e trabalhada, que gerará a pesquisa, a busca do conhecimento, o conceito formado da ideia.

4. Multidisciplinaridade genética

A partir de meados dos anos 90, cresceu muito o interesse pelos estudos de crítica literária, então um momento interdisciplinar, onde algumas ciências abordaram a questão da genética com propriedade. Pesquisadores se dedicaram efetivamente ao estudo da crítica genética, uma prática científica que está estritamente ligada a diversas áreas como a Linguística, a Psicanálise e a Análise do discurso. É a transdisciplinaridade com a diversidade de teorias que possibilita o conhecimento dos múltiplos ângulos da criação literária.

Todo esse trabalho exige muita dedicação e disciplina. Trilhar um caminho repleto de esboços, rasuras, metamorfoses é muito complexo e exige atenção e percepção minuciosas. Às vezes o geneticista assemelha-se a um arqueólogo ou historiador, quando busca, na genética, a origem da ideia, o surgimento do pensamento para a execução da obra. É magnífico pensar que o pesquisador detém nas mãos um material, algumas vezes de um autor morto, e vai escavando, buscando, descobrindo, pesquisando as raízes.

5. Crítica Genética: uma aliada à compreensão do texto

Conforme afirma Salles (2001, p.8), a obra é permanentemente mutável. O autor possui a liberdade de movimentar seu texto, fazendo as alterações necessárias que expressem melhor suas ideias, o que poderemos chamar de autocrítica genética. Desse modo o autor altera seu texto com rasuras significativas, numa forma de aprimora-lo até sua publicação. Associada a esta ideia, está o trabalho que o docente pode realizar em sala de aula quando incentiva o aluno a lidar com seu texto de modo a realizar um polimento. Ao escrever o aluno está constantemente lendo e relendo as frases feitas, nesse processo, muda, altera, rasura até que o texto se mostre pronto. A prática da autocrítica Genética viria, nesse momento, como uma forma de inspiração, de estímulo no desenvolvimento da capacidade de criatividade e prazer de construir bons textos. Assim afirma Willemart em texto gentilmente cedido pelo autor.

Como em qualquer atividade, o homem e o escritor procuram satisfazer um prazer que pode se tornar um gozo, isto é, um excesso de prazer. Sustento que qualquer romance, poema, drama ou obra em geral, é estimulado por

um grão de gozo, subjazido de dor. O manuscrito expõe este movimento. **A medida que o texto se constrói e se desfaz pelas rasuras, as supressões e os acréscimos, ele passa pela representação e pelo grão de gozo.** (Grifo nosso)⁴

Neste contexto podemos afirmar que fazer crítica genética possibilita, algumas vezes, despertar no estudioso um sentimento profundo que se transforma em admiração. Na medida em que acompanhamos o ato criador, pesquisamos, buscando conhecer a obra na essência, quase que por algum momento nos consideramos coautores, quando registramos o que o autor disse ou deixou subentendido. Embora não seja esse o papel do geneticista, isso se torna inevitável.

6. Crítica Genética e manuscritos na era do computador

Os inúmeros inventos criados pelo homem nesse último século foram de grande importância, porém não podemos esquecer que até que ele chegasse a tais avanços, vivenciou-se todo um processo evolutivo que auxiliou nas conquistas que viriam futuramente. Tudo isso se deve ao longo processo histórico.

Da mesma forma que o homem tentou perpetuar seu passado em registros manuscritos, o homem do presente tenta preservar, de forma moderna, seus escritos através do computador. A importância dos manuscritos para os estudos de crítica genética é algo fundamental já que eles são a base e representam efetivamente a gênese, o começo de um texto. Neles estão contidas as rasuras, as hesitações, as primeiras ideias. No entanto na era da informática, o escritor precisa saber lidar com as novas tecnologias como forma de aprimoramento, de acompanhamento do processo da escritura.

A tecnologia vem desempenhar um papel relevante em sala de aula para os estudos críticos, na medida em que o trabalho realizado pelo educador, permite que o aluno comece a perceber a importância desta avançada ferramenta, antes vista como adversária aos estudos da crítica genética mas que hoje vem se mostrando um poderoso instrumento de pesquisa rápida e eficiente. As novas gerações escrevem diretamente no computador, emitem opiniões em sites *on line*, deixando de lado a escrita manuscrita, porém ainda possuem o recurso do *back up*, que

⁴ Trecho de capítulo de livro a ser publicado em 2014 - Informação do autor.

preserva o processo, os retoques. Fica então a ideia de que a antigo e o novo, lado a lado, possam caminhar em favor da ciência.

7. Rasuras que ampliam ideias

Nunca antes um *equivoco* na escrita, registro da ideia, foi tão valioso quanto após o conhecimento do estudo crítico genético. Antes a rasura era desprezada, hoje valorizada, é ela que dá sentido ao processo construtivo do texto, na medida que explicita o percurso. O sujeito que rasura demonstra insatisfação com a ideia depois de dita e seu aparente “erro” leva a possibilidade de reformulação, o que incorre na ideia de que nada pode ser determinado como pronto, acabado. Tudo está em processo constante.

Ao analisarmos a relação da rasura com a escrita do aluno em sala de aula, incidiremos sobre suas redações. Ao redigir o aluno deixa rastros que compõem o processo de produção de seus textos. Na verdade esse processo se inicia de forma oral. A ideia surge, se manifesta na palavra que virá a ser registrada. É prática comum os professores dialogarem, discutirem uma ideia apresentando textos motivadores que levarão o aluno a desenvolver a ideia. Alguns sistemas de avaliação no que diz respeito a dissertações, como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), já vem quase que inconscientemente fazendo o papel de preservação do registro, porém isso é feito com outra intensão, mas que acaba por preservar as glosas da escritura. Hoje o aluno que discorre ideias no ENEM, não pode apagar, o suposto “erro” cometido, mas com apenas um grifo marca a palavra que descartaria e segue em frente com sua escrita. Registros que antes seriam apagados em definitivo, hoje ali permanecem como marcas de percurso.

Da mesma forma que nas ações, na escrita ocorre uma certa imprevisibilidade que acontece toda vez que deixamos correr livre as ideias. Essa imprevisibilidade é comum no escritor que não enxerga limites, que promove o fenômeno da escrita e acaba por torná-la singular. (GOZZO, 2000)

Toda vez que escreve e “erra”, substitui a ideia, a palavra, o aluno é impelido a buscar, a desenvolver essa ideia através de textos que endossem ou sejam opostos à ideia inicial. Essa busca acaba mesmo que de forma inconsciente, promovendo o conhecimento de novas ideias e ampliando seu universo. Quando o

aluno usa o grifo ao invés de apagar seu aparente “erro” ele pode comparar seu crescimento, sua evolução linguística e acompanhar seu percurso. Dessa forma, nesse interstício, depois de pronto, ele compara, aprimora até que defina o que permanece e o que fica como marca das transformações que acabam por enriquecer seu texto. Muitos autores, em especial músicos, anos após grandes sucessos, apresentam suas partituras iniciais, suas letras que mostram como teria sido sua criação na gênese. Mas em que efetivamente a rasura ajudaria o aluno que está determinado a escrever seu texto na sala de aula? Ao se deparar com determinada palavra haverá nele um sentimento de estranheza, algo lhe remeterá a ideia de que aquele termo não compõe aquela estrutura, que poderá ter havido um equívoco na construção sintática que o convoca a uma nova possibilidade. É quando percebe que o que foi dito por ele, poderia ser dito de uma outra forma. É o estranhamento que faz com que haja um retomada do que foi dito, escrito e registrado.

7.1 Rascunhos: ferramenta do professor na sala de aula

Quando se trata do campo pedagógico é que tanto o professor quanto o aluno percebem o quão importante são os estudos críticos, na medida em que ocorre a análise, rascunhos e rasuras na busca pelo desenvolvimento do processo criativo. É nesse momento que o aluno percebe que todo trabalho de criação exige polimento, amadurecimento. A crítica genética trabalhada na sala de aula leva o aluno a perceber que nos rascunhos, nas rasuras é que se aprimora um texto cujas as alterações e mudanças são necessárias e inerentes ao indivíduo, pois é nesse momento que ocorre o crescimento. O professor geneticista acaba sendo um encorajador de ideias, um incentivador de pesquisadores. Dessa forma a crítica genética acabaria por sair da “marginalidade”, como já afirmou Willemart e definiria seu espaço em verdadeiras aulas de criação. Desse modo os alunos se preparariam para, no futuro, ingressarem nas universidades com um perfil pesquisador, buscando o conhecimento.

Vale ressaltar que a abordagem genética viria encantar olhos e mentes. Cada vez que um aluno pudesse manusear textos manuscritos e digitados e desse modo acompanhasse as mudanças sofridas até que desse um texto por pronto, acabado,

perceberia como são importantes as rasuras nas composições. E então enxergaria que um texto precisa passar pela fase do pensamento (ideia), da escrita e da reescrita. Assim ele aprenderia a observar, anotar, selecionar, aplicar e alterar quando achasse conveniente. Ao contrário do comportamento com o qual nos deparamos diariamente quando os alunos escrevem de uma só vez seus textos, quase que definindo suas ideias num primeiro traço.

É na percepção de que a leitura e escrita são indissociáveis, que o aluno vai lapidando a sua escrita concluindo que quanto mais lê e se apercebe do mundo a sua volta, mais polido será seu texto. Para que a escritura venha a ter o efeito desejado pelo autor, é preciso antes de tudo que ele *deseje* efetivamente escrever.

...Não há portanto um primeiro texto escrito em alguma parte transmitido por uma musa ao escritor atento, mas uma lenta aglutinação de elementos que, depois de um certo tempo, devem ser ditos e escritos. Como o neurótico angustiado por seu sintoma recorre ao psicanalista, assim o escritor, querendo livrar—e dessa placa retida, começa suas campanhas de redações não impelido, mas atraído pelo desejo. (WILLEMART, 1993: 92-3)

É o desejo que irá movê-lo, impulsioná-lo à escrita e reescrita até que se desenhe o texto final. E dessa forma toda escrita será imprevisível, pois irá decorrer de reflexões, pensamento em movimento, leituras subjetivas detectadas, num procedimento genético apurado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Crítica Genética nos possibilita um novo olhar sobre o texto e refaz a nossa ideia de construção e todos os procedimentos que envolvem a escritura. Aquela ideia inicial de que um texto daquele autor que admiramos nasce pronto, cai por terra quando percebemos que humanamente ele se permite rasurar, alterar, mexer com toda sua liberdade criadora e então isso torna o texto ainda mais valioso, pois foi *pensado* de vários ângulos, reescrito, aprimorado.

A crítica Genética na sala de aula viria como uma possibilidade de educar o olhar do nosso aluno levando-o a uma reflexão crítica do seu mundo. É desse modo que o aluno começa a entender e valorizar as mudanças e percebe que as coisas não são estáticas, assim como nossos pensamentos e registros; que as coisas

implicam em profundas transformações que acabam por afetar nossa forma de perceber o mundo.

Na prática da crítica genética de autores diversos é que o aluno percebe as mudanças, as rasuras e então compreende que é o rascunho efetivamente, a gênese do seu texto. É no conhecimento da construção de um texto, nos experimentos, nas rasuras feitas, nas pegadas deixadas pelo autor, que as ações permeiam o percurso.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antônio de – **A cada leitor seu texto: Dos livros às redes.** Encontros Bibli, 2009, pp. 154-173- UFSC.

BIASI, Pierre Marc. **A crítica genética** In: BERGEZ, Daniel. Métodos críticos para a análise literária. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CIRILLO, José. **Pela Fresta: memória como matéria no processo de criação de Shirley Paes Leme.** Farol. Vitória: Ufes, n.3, ano 3, p. 61-73, 2002.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão.** 15ª ed. – SP: Ática, 2000.

GRÉSILLON, Almuth, **Elementos de crítica genética,** Porto Alegre, UFRGS, tradução de Cristina de Campos Velho Birk.

GOZZO, Vera Maria Patriani Marinho. **Pistas e Conquistas: na travessia prática do processo de escritura.** São Paulo/SP, s/d (dissertação de mestrado),2000.

HAY, Louis. **A montante da escrita.** Tradução de José Renato Câmara. Papéis Avulsos, Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, n. 33, p. 5 -19, 1999.

_____. **O texto não existe: reflexões sobre crítica genética.** In: ZULAR, Roberto (Org.). **Criação em processo.**

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura.** Campinas: Cortez, 2000.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética – Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo criação artística** – Série Trilhas, EDUC — Editora da PUC-SP, 2008.

_____. (2009). **Gesto inacabado: processo de criação artística.** São Paulo: Annablume.

_____. **Crítica Genética: uma (nova) introdução.** São Paulo: Educ, 2000.

TEIXEIRA, Eleonora C. – **Crítica Genética: Do manuscrito ao virtual** -
Revista Litteris – ISSN: 19837429 n. 10 – setembro, 2012 –Linguagens.

WILLEMART, Philippe – **Crítica Genética e Psicanálise** – São Paulo: Perspectiva;
Brasília, DF : CAPES, 2005.

_____ **A Crítica Genética Hoje** - Alea: Estudos Neolatinos, vol. 10, n..1,
enero-junio, 2008, pp. 130-139 Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de
Janeiro, Brasil.

_____ **Universo da Criação Literária: Crítica Genética, Crítica Pós-
Moderna?** São Paulo: Edusp, 1993 (Criação & Crítica, v.13)

Sobre os autores

Autor 1: Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte
Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Atua como professora de Língua Portuguesa e
Literaturas. E-mail: norinhatli@yahoo.com.br

Autor 2: Graduada em Letras pelo UNIFLU. Atua como professora de Língua
Portuguesa. E-mail: larissa85rocha@gmail.com

Autor 3: Professor da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
(UENF). Doutor em poética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
E-mail: pedrowlyra@hotmail.com